

# DO CÉU AO INFERNO: A FORMAÇÃO LÉSBICA EM *O POÇO DA SOLIDÃO*, DA RADCLYFFE HALL

---

*From Heaven to Hell: Lesbian Formation in The Well of Loneliness, by Radclyffe Hall*

DOI: 10.14393/LL63-v38-2022-10

Lisiane Andriolli Danieli<sup>1\*</sup>

---

RESUMO: Neste artigo, analiso a obra *O Poço da Solidão* (1928), de Radclyffe Hall (1880-1943), a partir de seu contexto de publicação e da construção narrativa da protagonista Stephen em relação à lesbianidade. Levando em consideração que Stephen transgride as imposições dos papéis sexuais da socialização feminina, abordo as teorias desenvolvidas por Simone de Beauvoir (1949) e, posteriormente, Monique Wittig (1980), dentre outras. Ao ter a possibilidade do que Virginia Woolf (1928) caracteriza como “um teto todo seu”, Stephen se destaca enquanto escritora, mas ainda assim passa por conflitos acerca de sua sexualidade devido aos discursos conservadores da família, da medicina e da religião, os quais incidem sobre ela e a impedem de ter uma existência lésbica plena.

PALAVRAS-CHAVE: Radclyffe Hall. *O poço da solidão*. Transgressão. Lesbianidade. Feminilidade.

ABSTRACT: In this paper, I analyze *The Well of Loneliness* (1928), by Radclyffe Hall (1880-1943), building on its publication context and the narrative construction of the protagonist Stephen in relation to lesbianism. Considering that Stephen transgresses the impositions of the sexual roles of female socialization, I approach the theories developed by Simone de Beauvoir (1949) and, later, Monique Wittig (1980), among others. Having the possibility of what Virginia Woolf (1928) characterizes as “a room of one’s own”, Stephen stands out as a writer, but still goes through conflicts about her sexuality due to the conservative discourses of family, medicine, and religion, all of which affect her and prevent her from having a full lesbian existence.

KEYWORDS: Radclyffe Hall. *The Well of Loneliness*. Transgression. Lesbianism. Femininity.

---

## 1 Contexto

Ao pretender analisar *O poço da solidão* (*The Well of Loneliness*, original de 1928; 1ª edição em português de 1950<sup>2</sup>), uma obra publicada há quase um século, em outro continente,

---

<sup>1\*</sup> Doutoranda em Letras, área de concentração História da Literatura (FURG). ORCID: 0000-0002-0292-8617. E-mail: lisiad(AT)gmail.com

é preciso reconhecer o contexto histórico-social a fim de perceber aspectos relevantes para a sua forma de escrita e sua aceitabilidade pelo público leitor e pela crítica literária. O ano era 1928, no qual vieram à luz pelo menos outros dois livros correlacionados ao romance de Radclyffe Hall (1880-1943), nome artístico de Marguerite Radclyffe-Hall, por serem escritos por mulheres, por escreverem em inglês e por abordarem vidas de mulheres: *Orlando: uma biografia* (*Orlando: a biography*, original de 1928; edição em português de 2014), de Virgínia Woolf, e *El almanaque de las mujeres* (*Ladies Almanack*, original de 1928; edição em espanhol de 2012), de Djuna Barnes.

Diferente de seus contemporâneos citados, *O poço da solidão* passa por um processo de censura e é proibido de circular na Inglaterra pouco depois da publicação, em julho de 1928. Conforme aponta a pesquisa de Diana Souhami (1998), a obra vai para as livrarias e começa a ter boa vendagem e críticas. Mesmo não tendo recebido uma cópia pelo editor Jonathan Cape, o escritor James Douglas publica, em 19 de agosto do mesmo ano, um artigo na revista britânica *Sunday Express* advertindo que *O poço da solidão* deveria ser banido. O argumento enfatiza ser inadmissível difundir um texto que demonstra a “inversão sexual” e a “perversão”, pois causaria depravação às mentes influenciadas por tal imoralidade. Segundo o texto crítico, a luta contra a “depravação” havia sido perdida na Alemanha e na França, mas na Inglaterra os valores cristãos ainda predominavam e o argumento biológico da homossexualidade não deveria ser incentivado, visto que envenenaria a alma dos jovens. Em seu artigo, James Douglas dirige sua intolerância às mulheres, às lésbicas e às outras nações, demonstrando ser um guardião britânico da moral e dos bons costumes cristãos. Douglas publica outro artigo pedindo o posicionamento do governo britânico em favor da censura da obra em 20 de agosto, desta vez no *Daily Express*.

O caso chega ao Home Secretary William Joynson-Hicks – ministro da Coroa dentro do governo de 1924 a 1929 –, que recebe o livro de Radclyffe Hall no dia 20 de agosto pelo editor e, dois dias depois, possibilita o banimento da obra. A autora fica surpresa por ter seu livro de mais de 500 páginas lido e avaliado em tão pouco tempo, gerando o resultado censurador devido à suposta obscenidade e indecência, amparado pelo *Obscene Publications Act 1857*, legislação que servia para restringir a distribuição de pornografia – o que certamente não é o caso de *O poço da solidão*, a ser detalhado adiante. Mesmo com a proibição da venda na

Inglaterra, mais de 500 cópias da obra entram em circulação e o plano do editor Jonathan Cape para viabilizar a distribuição é enviar o livro para ser impresso em Paris. Depois da perseguição ao livro, Radclyffe Hall e sua vida também é atacada e, em 24 de agosto, ela publica uma carta no *Daily Herald* argumentando acerca da liberdade de expressão, sem uma defesa explícita aos direitos das lésbicas.

Virginia Woolf, que ainda não havia publicado seu *Orlando*, escreve uma carta em 30 de agosto para Vita Sackville-West descrevendo o apoio tanto dela quanto de Leonard Woolf e do escritor Edward Morgan Forster à Radclyffe Hall e das assinaturas em protesto que recolheriam em seu favor (SOUHAMI, 1998, s/p). A petição com as assinaturas é publicada dia 8 de setembro no *Nation*. A reclamação sobre a censura não altera a situação na Inglaterra, mas o livro teve seus direitos vendidos para a Alemanha e pode ser publicado também nos Estados Unidos. Porém, na Grã-Bretanha a obra só é reeditada em 1949 (BAKER, 1985, p. 353 apud KRAINITZKI, 2007, p. 1) e, conforme artigo de Sherri Machlin (2013, s/p), o banimento seguiu até 1959, quando o *Obscene Publications Act* distingue as obras de arte e literatura controversas com valor social.

## 2 A teoria da inversão sexual

*O poço da solidão* é narrado em terceira pessoa e segue a vida da protagonista, a menina Stephen Gordon (na edição brasileira que utilizo, o nome foi traduzido para Estevão), nascida em uma família tradicional britânica com condições financeiras de manter uma ampla mansão e funcionários para cuidar da propriedade, além de uma abastada herança para a descendente. A autora, com conhecimento acerca das teorias da sexualidade em voga na sua época, constrói uma narrativa argumentando em favor do discurso médico que aponta para os fatores biológicos e anatômicos da homossexualidade. O objetivo é comprovar que a sexualidade é uma condição inata, conferida por Deus, o que daria a pessoas homossexuais o direito de existir. Esse aspecto é fundamental para o seu processo de censura e para que a obra replique o discurso médico e religioso que procura as causas da homossexualidade enquanto patologia, muitas vezes a ser combatida.

Em estudo acerca da homossexualidade feminina, Charlotte Wolff (1973) retoma a teoria da sexualidade descrita por Sigmund Freud (1856-1939) para, posteriormente, desenvolver uma nova teoria para o lesbianismo. Ao conceber sua tese acerca da homossexualidade, tanto Freud quanto outros psicanalistas se baseiam na experiência masculina, uma vez que o ideal de superioridade masculina está presente na elaboração de suas pesquisas. O termo utilizado por psicanalistas para conceituar a homossexualidade, em oposição à suposta normalidade da heterossexualidade, é inversão sexual, pois se argumenta que uma mulher que se interessa sexualmente por outra mulher exerce características físicas e mentais masculinas e tem um desenvolvimento sexual infantil, tornando-se, assim, uma invertida.

Ao aproximar a homossexualidade masculina da feminina, ocorre o apagamento e a estigmatização das mulheres, destituindo o caráter político da existência lésbica enquanto recusa ao acesso físico, emocional e econômico do domínio masculino, conforme aponta a poeta estadunidense Adrienne Rich (2019) em seu artigo “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica”, publicado originalmente em 1980. No texto, a heterossexualidade é conceituada como uma “instituição política que retira o poder das mulheres” (RICH, 2019, p. 27), fazendo parte da ideologia patriarcal que oprime, explora e mata mulheres por meio da exploração da sua sexualidade.

O médico britânico Henry Havelock Ellis (1859-1939) é um dos especialistas em sexualidade humana que acredita na causa fisiológica para a homossexualidade. Radclyffe Hall é adepta de suas teorias e um comentário do médico abre a edição utilizada neste trabalho, conforme se lê:

Li *O poço da Solidão* com grande interesse porque – não falando nas suas qualidades admiráveis como um romance escrito com absoluta arte – possui uma significação psicológica e sociológica sobremaneira notável. Tanto quanto eu saiba, é o primeiro romance inglês que apresenta numa forma totalmente sincera e tenaz um dado aspecto particular da vida sexual, conforme é encontrada hoje entre nós. A relação de certas pessoas – que, conquanto diferentes dos demais seres humanos, não raro apresentam o mais alto caráter e as melhores aptidões – com a sociedade quase sempre hostil em que se movem, apresenta problemas difíceis e ainda não solucionados. As situações pungentes que isso desperta são aqui tratadas tão vivazmente, e ainda assim com uma completa ausência de ofensa e escândalo, que podemos colocar o livro de Radclyffe Hall num alto nível de distinção. (HALL, 1950, p. 5)

O médico é elogioso ao texto não apenas pela habilidade artística da escritora, mas também por ser um retrato ficcional da teorização descrita pelos psicanalistas. É importante notar a diferenciação que Haverlock Ellis faz de “certas pessoas” e “demais seres humanos”, opondo as mulheres que protagonizam o romance, as “invertidas”, a outras, as “normais”, explicitando sua percepção de que as relações lesbianas apontam um desvio de padrão comportamental e biológico, ainda que essas pessoas possam ter qualidades de caráter.

Segundo a pesquisa da cientista política Sheila Jeffreys em seu livro *La herejía lesbiana*: una perspectiva feminista de la revolución sexual lesbiana (original em inglês de 1993; 1ª edição em espanhol de 1996), a ideia da origem congênita da homossexualidade possibilita discutir sobre direitos homossexuais nos anos 1890 na Grã-Bretanha e Alemanha, além de demonstrar que essas pessoas “não eram pecadoras, e sim parte da criação e, por isso, era necessário aceitá-las” (JEFFREYS, 1996, p. 19, tradução minha<sup>3</sup>). Inclusive, a pesquisadora cita o caso de Radclyffe Hall e seu pedido pelo respaldo científico de livro por meio do comentário médico.

Porém, ao adotar tal teoria, é necessário aceitar os papéis impostos a cada sexo enquanto naturais, percebendo o sistema de gênero e as características definidas por femininas e masculinas como intrínsecas às pessoas. Conforme aponta a teórica chilena Margarita Pisano (2017), tanto a feminilidade quanto a masculinidade são criações masculinistas para manter a posição de subalternidade das mulheres:

A leitura imposta da existência de dois gêneros que dialogam, negociam ou geram uma estrutura social tem sido parte importante das estratégias da masculinidade para manter a submissão, a obediência, a docilidade das mulheres e sua forma de se relacionar com elas e com o mundo. (p. 6-7)

Nessa perspectiva, o gênero nunca é escolhido, visto que é um sistema baseado nos valores e ideais masculinos e busca, na divisão sexual, a justificativa para hierarquizar os seres humanos devido a sua realidade material. O discurso médico torna a submissão e a domesticidade em dados naturais, ignorando o sistema patriarcal que determina essas características a fim de limitar a autonomia das mulheres. De modo a manter a protagonista de *O poço da solidão* presa a alguns padrões sociais, mesmo se relacionando afetiva e sexualmente com mulheres, a lesbianidade é tratada enquanto patologia, ignorando a heterossexualidade enquanto instituição política que pode não ser uma simples preferência das mulheres, “mas

algo que precisou ser imposto, administrado, propagandeado e mantido à força” (RICH, 2019, p. 64).

Neste artigo, a análise do *corpus* tem a intenção de demonstrar a existência de mulheres que se recusam a cumprir o comportamento exigido delas, que se recusam a se definir em relação aos homens. Ao adotar esse posicionamento, comprovo a existência lésbica na história e nego o silêncio total e sufocante das teorias acerca da homossexualidade feminina. Considerando a análise que Adrienne Rich (2019) faz da cultura, é perceptível que lésbicas vivem entre a cultura heterossexista patriarcal, que leva as mulheres ao casamento e à maternidade, levando “as lésbicas ao sigilo e à culpa, muitas vezes também ao ódio por si mesmas e ao suicídio” (RICH, 2019, p. 115), e a cultura patriarcal homossexual, criada por homens homossexuais, replicando estereótipos masculinos de dominação e submissão. Em ambos os casos, as lésbicas não têm espaço para “descobrir o que significa ser definida por si mesma, ter amor-próprio, identificar-se enquanto mulher, sem ser uma imitação de homem nem seu oposto objetificado” (RICH, 2019, p. 116). Assim, neste artigo não considero as teorias queer desenvolvidas a partir da década de 1990, visto que isso pode equivaler a um apagamento da memória e história lésbica e das mulheres.

### 3 A formação de uma lésbica

O romance de Radclyffe Hall pode ser percebido enquanto narrativa formativa da protagonista, tendo em vista a sequência de fatos que transcorrem desde o seu nascimento até o seu desfecho infeliz, apresentando seu percurso de autoconhecimento junto a sua família, a tutoras e, posteriormente, a grupos de mulheres, sendo constantemente confrontada por conflitos internos. A obra é dividida em cinco partes e, ainda que todas as personagens sejam relevantes, terei como foco a trajetória de Estevão e sua existência lésbica.

De início, é apresentado o contexto familiar de Sir Philip e Anna Gordon, que 10 anos depois do casamento e da estadia em Morton estão prestes a ter um bebê. A mãe se sente apta e preparada apenas para ter um filho, até mesmo os movimentos do feto a fazem acreditar que dará à luz um “galante garotinho” (p. 11). O nome escolhido pelo pai é Estevão, inspirado no Santo católico; apesar de não ser um homem religioso, lê a Bíblia por sua beleza literária. É perceptível a preferência pelo filho homem e a intenção de promover uma educação

libertadora a ele. Porém, nasce uma filha, “que se pôs a goelar durante três horas consecutivas, como se sentindo ultrajada pelo fato de ter sido posta neste mundo” (p. 11).

Aparentemente a criança nasce consciente do sofrimento que passará ao longo da vida. Anna sofre por não ter dado ao marido um filho e sua relação com Estevão é menos afetuosa do que a estabelecida por Sir Philip e a filha. Desde o princípio é reforçada a ideia de que existe um desajustamento em Estevão, sentido inclusive pela própria personagem. O pai, um homem estudioso, tem ciência das teorias da sexologia da época, sendo leitor de Karl Heinrich Ulrichs (1825-1895, p. 29), jurista alemão considerado pioneiro no movimento homossexual. Em certa medida, o conhecimento o tranquiliza por compreender a suposta natureza de sua filha. Anna, no entanto, reconhece semelhanças entre pai e filha reforçando o que ela percebe como defeito, mutilação e falsidade na criança, visivelmente refletindo sobre a experiência do sexo feminino diante de uma sociedade falocêntrica.

Aos sete anos de idade, Estevão é criada como uma criança livre que, além da educação domiciliar, pode brincar em toda a propriedade da família, o que inclui exploração de grandes áreas arborizadas, equitação e caçadas. Nesse momento, ela desenvolve um amor infantil por uma empregada da casa, Collins, o que a deixa distraída de suas tarefas e inquieta:

Tempos antes gostava que lhe lessem, especialmente livros com histórias de heróis; mas já agora essas mesmas histórias inflamavam tanto sua imaginação ambiciosa que lhe vinham desejos insopitados de viver aqueles episódios. Estevão tinha vontade de ser Guilherme Tell, ou Nelson, ou de sentir em si todo o ímpeto da carga de Balaclava; a consequência imediata disso era um saque nos “guardados” dos seus cômodos, uma verdadeira caça a vestimentas outrora usadas para “representações”; enfim, reboliço, barulheira, atitudes de narcisismo, demoradas contemplações diante do espelho; [...] (p. 19)

A brincadeira de representação pode derivar do fato de ter acesso a essas histórias que a agradam e, percebendo que os personagens que vivem aventuras são meninos, ela se veste com trajes definidos como masculinos. Em uma leitura anacrônica, tais brincadeiras podem sugerir que Estevão, uma criança comum, criativa e energética, sente vontade de alterar sua realidade material e corporal. Esse pensamento passa pela cabeça da personagem, que questiona ao pai se ele acha que ela “*poderia* ser um homem, se, por exemplo”, “pensasse com bastante força... ou se, por exemplo, rogasse isso a Deus?” (p. 28, grifo no original). Isso ocorre

tendo em vista que ela expressa todas as potencialidades da infância e sente desconforto em ser submetida a rituais da feminilidade, percebido no seu desgosto em passear na cidade com a mãe devido à exigência para que se “paramentasse” (p. 37) com vestidos e rendas. Sheila Jeffreys (1996) refere uma obra de Vera Brittain sobre o livro de Radclyffe Hall, apontando para o fato de que “ao seu modo de ver [de Vera Brittain], as ‘predileções supostamente estranhas da menina’ são ‘as preferências habituais em qualquer mulher jovem e empreendedora acidentalmente dotada de maior vitalidade e inteligência que o resto de suas companheiras’” (BRITAIN, 1968, p. 51 apud JEFFREYS, 1996, p. 26, tradução minha<sup>2</sup>), demonstrando a naturalidade das ações de Estevão.

Como descrito por Simone de Beauvoir no segundo volume de *O segundo sexo* (2016, v. 2), até a puberdade, meninos e meninas manifestam as mesmas capacidades intelectuais, porém a menina passa a ser “sexualmente especificada” desde a primeira infância porque “a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação [à passividade, ao coquetismo, à maternidade] lhe é imperiosamente insuflada” (p. 12). O que ocorre ao longo do desenvolvimento da menina é a repressão de sua personalidade para que ela se encaixe em determinadas características consideradas próprias do sexo feminino e que acabam por a desumanizar.

Estevão sente raiva, a qual provém da negação da feminilidade, exigida enquanto um atributo natural do seu sexo, uma imposição estranha a ela, que prefere a liberdade e percebe essa possibilidade dada ao sexo masculino. Aos oito anos, Estevão ganha um pônei e sai a cavalgar com seu pai; ela monta com coragem e contraria a mãe sobre o jeito correto que uma menina se portar, insistindo em “montar feito homem” (p. 44), isto é, com as pernas abertas, uma em cada lado do animal. Para convencer Anna, Estevão erra de propósito quando experimenta a montaria de lado, em sela para mulher, e acaba podendo montar de forma mais equilibrada, ideal para fazer corridas.

Ao poder usufruir da autonomia, Estevão fica radiante e revisa seu pensamento anterior: “‘Isto é bem melhor do que ser o jovem Nelson’, pensou Estevão, ‘pois agora desta forma sou feliz sem deixar de ser eu mesma’” (p. 46). Cavalgar com seu pai ao ar livre lhe

---

<sup>2</sup> No original se lê: “A su modo de ver las ‘predilecciones supuestamente siniestras de la niña’ son ‘las preferencias perfectamente habituales en cualquier mujer joven y emprendedora accidentalmente dotada de mayor vitalidad e inteligencia que el resto de sus compañeras’.

proporciona uma sensação de bem-estar e felicidade e a personagem percebe que ser ela mesma também possibilita alegrias; isso só ocorre quando não a privam de aproveitar suas capacidades físicas e intelectuais. Tal privação não acontece em sua casa, ao menos não por parte de Sir Philip, que sempre propicia experiências à filha e respeita sua infância. Contudo, ao socializar com a vizinhança, a protagonista sente o julgamento alheio.

A vizinha Violeta “era dada a atitudes femininas: gostava de bonecas, mas não tanto quanto fingia” (p. 54), educada de modo a reforçar a maternidade como destino natural das mulheres. O irmão de Violeta, Roger, odeia Estevão porque a percebe como uma rival devido às suas capacidades físicas, enquanto Estevão o inveja pelo direito de brincar livremente e pela “esplêndida convicção dele de que isso de ser um rapaz constituía um privilégio na vida; compreendia muito bem essa convicção, isso porém só fazendo sua inveja aumentar” (p. 54). Acerca da inveja que as meninas sentem em relação aos meninos, Beauvoir (2016) argumenta que não é propriamente da posse do pênis, e sim pelo privilégio constituído no fato de que o menino, detendo tal órgão, pode alienar-se nele como símbolo de autonomia e de poder, um brinquedo natural, enquanto a menina recebe uma boneca e aliena-se em um corpo passivo a ser admirado não apenas por ela mesma, mas por outrem (BEAUVOIR, 2016, p. 23). Nesse sentido, a passividade, um traço definido como feminino, se desenvolve nas meninas desde a infância não como um dado biológico, e sim como “um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade” (BEAUVOIR, 2016, p. 24). Roger usa seu corpo para dominar a natureza, brincar, enquanto Violeta, e também Estevão, devem se manter intactas, agradáveis ao olhar alheio, como um objeto.

Em relação à educação proporcionada pela família, há uma diferença entre a pretensão de Anna e Sir Philip. A partir da perspectiva de que os papéis sociais e sexuais são ensinados, à mãe é comum que se confie a educação da filha. Essa relação deve ser de ensinamento do papel “feminino” a ser desempenhado futuramente pela filha, com a pretensão de casar, construir uma vida doméstica e desempenhar a maternidade; porém, não é o que acontece à Estevão, pois a protagonista e seu pai são contrários a esses objetivos da socialização do gênero feminino.

Anna considera estranho que a criança seja livre e desenvolva tanto seus músculos, com esgrima, ginástica e equitação, quanto seu intelecto, com tutoria, leitura e escrita. Segundo a

análise que Beauvoir (2016, p. 33) faz acerca da percepção que meninas costumam ter de seus pais, a vida do homem é considerada prestigiosa, sua ocupação e responsabilidades têm importância. Sir Philip representa a autonomia que Estevão procura. Em oposição, as meninas não querem se assemelhar ao papel que a mãe desempenha (BEAUVOIR, 2016, p. 41), pois isso seria render-se à servidão feminina. Sir Philip acredita na possibilidade da filha se realizar fora da imposição da feminilidade e investe em sua educação, confiando que ela pode desenvolver seu corpo e seus estudos, prevendo, inclusive, sua ida à universidade.

Com 17 anos, a pressão para que Estevão se relacione com homens aumenta e ela vai a um jantar, trajada de vestido engomado, no qual é necessário que desempenhe o papel imposto a ela e às demais jovens do sexo feminino, dando seu braço para que um rapaz a leve à sala de jantar em uma fila de casais: “A seguir a solene e ultrarridícula procissão, animais marchando para a Arca, dois a dois, certíssimos da proteção divina... Macho e fêmea os criou Deus!” (p. 92). Em referência ao texto bíblico, é reforçada a heterossexualidade compulsória enquanto norma a ser seguida, porém Estevão sente sua inadequação e se questiona se a mãe teria “recuado, ressentida, protestando, quando o signo da feminilidade fora estampado nela” (p. 101), chegando à conclusão de que provavelmente não, enquanto ela não gosta do que ocorre e, por causa disso, pensa que “lhe faltava algum instinto delicado” (p. 101). A angústia da jovem Estevão em precisar se conformar aos limites exigidos da feminilidade diz respeito ao objetivo desse ritual, que é demarcar o sexo feminino de modo a garantir sua submissão. Para que ela aceite ser uma mulher não adulterada pelos padrões patriarcais que a destinam para a inferioridade é preciso que ela acredite estar biologicamente falhada. O entendimento de Estevão sobre ser mulher e sua recusa em ser feminina desafia as normas culturais que ditam nossa subordinação.

O primeiro homem, depois de seu pai, que a considera humana, não apenas mulher, é Martin, com quem desenvolve uma amizade: “ela se sentiu natural e feliz porque ali estava um homem que a considerava, que não parecia achar nela nem no seu feitio nada de excêntrico, considerando-a deveras, definitivamente” (p. 111). A relação amigável é repleta de passeios pela natureza e diálogos sobre as árvores, parecendo aos pais e à vizinhança que “afinal de contas, a jovem era como as demais raparigas!” (p. 117); com isso, a amizade está fadada ao fim, pois “Martin olhou para o seu próprio coração e viu Estevão... E de súbito a viu como

mulher!” (p. 118). Ao declarar sua paixão, Estevão imediatamente o repele, cheia de terror e repulsa (p. 119). Tendo em vista o que Beauvoir (2016, p. 74) aponta, a partir da puberdade a adolescente é forçada a aceitar sua feminilidade, que a condena a uma existência mutilada e paralisada. A recusa à feminilidade justifica também a aversão ao sexo masculino que Estevão sente.

Mesmo não compreendendo totalmente a repugnância que sente pela mudança de emoção de Martin em relação a ela, fica evidente que a carência de Estevão nesse momento é de uma amizade sincera que proporcione bons diálogos e cumplicidade. Ela pensa ter encontrado isso em Martin porque ele não demonstra ter intenções sexuais por ela. A decepção de Estevão é pela perda de um amigo e por perceber, mais uma vez, a prova de que não está adequada às expectativas que a atravessam enquanto mulher. Devido a isso, sente profunda agonia e tem noção de que será uma excluída (p. 125) onde quer que esteja, sendo quem é, o que a leva a questionar o pai se ele considera que há algo anormal nela, o qual a consola e diz que “o casamento não é a única carreira para a mulher” (p. 128).

O pai, portanto, a ajuda no seu processo de aceitação, reiterando outras possibilidades de a filha existir para além do que se impõe às mulheres. Anna, contudo, se contrapõe a essa ideia, enquanto Philip é categórico em avisá-la: “– Estevão não se casará... não quero que ela se case; isso não passaria de um desastre” (p. 134), ao que Anna acredita ser uma afronta: “Por que não deveria Estevão se casar? Ela, que era mãe, desejava que a filha se casasse. [...] Mulher alguma era completa se deixasse de se casar...” (p. 134). O destino de Estevão deveria ser traçado como foi o de Anna e, na percepção da mãe, ela é guardiã desse destino heterossexual, pois se esforça para que ele se cumpra. De acordo com o que Beauvoir (2016, p. 121) expressa, o casamento acaba sendo a única maneira de a mulher encontrar uma posição, tendo em vista a pressão social exercida sobre esta e a impossibilidade de se dedicar a realizar seus próprios empreendimentos de forma independente, diante da dificuldade de escapar à feminilidade para realizar sua ambição pessoal. O que se percebe é que Sir Philip sabe desde a infância de Estevão que ela é lésbica, não se casará com nenhum homem e se realizará amorosa e profissionalmente de maneira autônoma. Ele tenta avisar Anna dessa percepção, porém não tem coragem: morre antes de falar às duas, em consequência de um acidente.

A partir dessa morte, Estevão precisa lidar com a falta de camaradagem, companhia e amor paternos. Tomada pela solidão, a protagonista decide não ir para a universidade, ainda que sua tutora Pudle a incentive, repetindo que a ida à Oxford seria para sua salvação, uma vez que “sendo você o que é, precisará de muitos apoios e armas” (p. 147). Imagino que Estevão sair de Morton pode significar o reconhecimento de outras mulheres como ela, mas isso só acontece adiante na narrativa. Quando Estevão faz 21 anos, toma posse da herança, tornando-se uma “mulher rica e independente” (p. 155). Mais autônoma do que até então, pode “vestir agora roupas feitas em alfaiates”, não mais importando a oposição materna sobre suas escolhas.

Considerando a liberdade adquirida com a renda, Estevão diversifica seu espaço de convívio e, em uma manhã de passeio de automóvel pela cidade com o objetivo de comprar luvas, depara-se com uma briga de cachorros envolvendo Tony, animal de estimação de Angela Crosby, a quem Estevão conhece e admira imediatamente pela beleza e gentileza. Elas moram em propriedades próximas e Angela convida Estevão para visitá-la sempre que quiser, pois já havia ouvido falar dela e tinha interesse em conhecê-la (p. 159). No mesmo dia, Estevão leva Angela para casa e é apresentada ao marido dela, Ralph Crosby. A protagonista sente-se exultante e cheia de vida ao interagir com essa mulher e relembra o episódio equivocado com Martin, questionando-se internamente se estaria ela enganada também, percebendo uma possibilidade amorosa onde não existe (p. 163). Nos dias seguintes, as duas se encontram na casa de Angela para tomar chá e passear, o que começa a ocorrer com frequência. Mesmo usufruindo da emoção do encontro, a sensação da protagonista é de tristeza (p. 170), sendo perceptível a dificuldade que ela tem em aceitar a possibilidade lesbiana. Após uma série de visitas, nas quais Angela reitera as diferenças de Estevão em relação às outras pessoas, ambas passeiam de mãos dadas e enfim há uma declaração de amor da protagonista.

O discurso de Estevão é metafórico, invocando a unidade e o fogo do amor, ao passo que refere a treva, geralmente relacionada ao inferno, à punição por pecados. Como gesto de reciprocidade, Angela se aproxima de Estevão, suas mãos se tocam e: “Então Estevão tomou Angela nos braços e a beijou em cheio nos lábios, como um amante” (p. 175). Essa cena é a primeira que apresenta a suposta natureza invertida de Estevão e pode ser utilizada na argumentação pela censura do livro, por afirmar a relação sexual, não apenas afetiva, entre

duas mulheres. Ao reforçar o traço natural da sexualidade, a narrativa busca mostrar a inevitabilidade de Estevão se relacionar com mulheres, reforçando a teoria da inversão sexual que permeia a obra.

Contudo, a relação não é recíproca: Angela não ama Estevão (p. 177), ainda que se sinta atraída por ela. Por ter tido uma experiência de dificuldades financeiras contínuas, ter encontrado um marido representa não sofrer mais nesse quesito, possibilitando viajar, usufruir de boas comidas, ter uma casa e não precisar sobreviver vendendo sua imagem e seu corpo, conforme conta para a protagonista sobre seu passado. O casamento se torna pauta para as duas quando Estevão implora para que possam ficar juntas sem a interferência de Ralph, ao que Angela responde:

– Você *está* maluca! – [...] você sabe perfeitamente bem que não há nada a contar a ele a não ser alguns beijos na verdade puerís de meninas. Tenho culpa de você ser o que indubitavelmente é? [...] Ralph pouco valerá como homem, mas sempre vale mais do que nada [...]  
Mas Angela se apegou logo a um pensamento, dizendo apenas estas seis palavras: – Você pode se casar comigo, Estevão? (p. 179-181)

Angela despreza Estevão, minimiza a relação que elas vêm construindo e enfatiza o impedimento em se unirem oficialmente, desdenhando a relação com a protagonista. Não é possível afirmar que a relação de ambas não teria se desenvolvido se as circunstâncias fossem diferentes, uma vez que, conforme expressa Adrienne Rich (2019), muitas mulheres se casam e continuam casadas ainda que estejam ligadas a outras mulheres porque

isso tem sido necessário, para sobreviver economicamente, para ter filhos que não sofressem privações econômicas ou ostracismo social, para continuar sendo respeitáveis, para fazer o que se espera delas, porque, tendo vindo de infâncias “anormais”, desejavam sentir-se “normais”, e porque o amor romântico heterossexual tem sido representado como a grande aventura, dever e realização das mulheres. (RICH, 2019, p. 75)

Respeitando seu suposto dever, Angela se mantém casada mesmo traindo seu marido porque não tem apreço por sua relação nem com Estevão nem com Ralph. Observando o contexto cristão que permeia a protagonista, a aprovação divina da sua união também tem importância, então a invocação do casamento a sensibiliza e a afasta de Angela, com o questionamento constante: “Mas, pelo sacrossanto nome de Deus, que sou eu? Alguma

abominação?’ E tal pensamento a enchia duma angústia enorme, porque, amando muito, tinha seu amor na conta de sagrado” (p. 184), assim Estevão fica cada vez mais infeliz ao refletir sobre sua condição, isto é, a culpa a leva ao auto-ódio. Para compreender a dificuldade enfrentada pela protagonista, apenas no século seguinte à publicação da obra, em 2014, a Inglaterra concedeu o direito à oficialização do casamento entre pessoas do mesmo sexo, um ano depois do Brasil<sup>3</sup>.

Após semanas de afastamento entre ambas, a protagonista tenta reatar seu relacionamento presenteando a amada com um anel de pérola, como se fosse presente de aniversário, até que Estevão descobre que Angela está também se encontrando com Roger, conhecido de infância da protagonista, e rompe a relação decepcionada: “O dinheiro não podia comprar a única coisa de que precisava na vida; ele não lhe podia comprar o amor de Angela” (p. 228). Com a percepção de que seu sexo era o que a impedia de poder viver o afeto que mulheres com homens podiam, Estevão acaba às vezes por odiar seu corpo como “um monstruoso grilhão aderido ao seu espírito” (p. 228), uma vez que sua perspectiva heterossexualizada e religiosa das relações não a permite descobrir “o sentido e a significação de si própria” (p. 229).

Em sua crença em Deus, Estevão considera que a criação de pessoas como ela foi irrefletida e “o amor só é permitido àqueles que são talhados em perfeito acordo com o padrão da vida” (p. 231), isto é, entre mulher e homem, aumentando sua angústia: “Eu sou uma pobre coisa errada, sou um erro de Deus... Não sei se há mais alguém assim como eu, tomara que não haja, pois é um autêntico inferno” (p. 242). A falta de compreensão de si corresponde ao que Rich (2019, p. 66) descreve acerca da “destruição dos registros, da memória e das cartas que documentavam as realidades da existência lésbica”, privando as mulheres de reconhecerem suas antecessoras e a “alegria, a sensualidade, a coragem e a comunidade” dessa realidade, limitando lésbicas como Estevão à “culpa, a autonegação e a dor” (RICH, 2019, p. 66).

De maneira a se livrar da tristeza do rompimento com Angela, Estevão lhe escreve uma carta confessando seu amor e sua dor por ter tal sentimento, a qual é descoberta por Ralph, que decide a entregar para Anna Gordon a fim de destruir qualquer possibilidade de relação

---

<sup>3</sup> Ver mais em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/veja-lista-de-paises-que-ja-legalizaram-o-casamento-gay.html>. Acesso em: 11 maio 2021.

entre as mulheres. A mãe interroga a filha sobre a veracidade da carta e, ao confirmar o fato, despreza Estevão:

– Tu é que és desnaturada, e não eu. E isso que és constitui um pecado contra a criação. E, acima de tudo, é um pecado contra o pai que te formou, o pai com quem ousas parecer. [...] Quanto a ti, eu preferia te ver morta a meus pés do que em pé assim diante de mim com essa coisa sobre ti, esse inominável ultraje que chamas de amor nessa carta que confessas haver escrito. Nessa carta dizes coisas que só podem ser ditas entre homem e mulher, e que vindas de ti são tão vís e imundas palavras de corrupção... contra a natureza, contra Deus que criou a natureza. [...]

– [...] Se a amei conforme um homem ama a uma mulher, é porque não me sinto mulher. Durante toda a minha vida jamais me senti mulher, e a senhora sabe disso [...] sei que sou diferente (p. 247-248).

O discurso de ódio de Anna é permeado por suas crenças religiosas, além de saber que o desajuste da filha pode ser percebido desde seu nascimento. Tomando como verdade a escritura bíblica, a mãe considera antinatural a relação lésbica, a qual nem tem coragem de nomear, considerando apenas a heterossexualidade enquanto maneira legítima de existir. Ela deseja, inclusive, a morte de Estevão pelo que considera ser um desvio. Acerca disso, em ensaio sobre a homossexualidade feminina, Maria Lago (1978, p. 141) afirma que, se Deus existe, “é provavelmente muito mais compreensivo do que a sociedade que dele se reclama”.

A resposta de Estevão, ao afirmar que não se sente mulher, corresponde ao que a escritora francesa Monique Wittig (1935-2003) discute especialmente nos artigos “No se nace mujer” (2006) e “El pensamiento heterosexual” (2006). Nestes textos, ela reitera a ideia de que a heterossexualidade é um regime político baseado na submissão e apropriação das mulheres e contraria o conceito essencialista do que é ser mulher dentro de estereótipos e papéis sexuais. Para Wittig (2006, p. 43), ainda que as mulheres devam se reconhecer enquanto classe política para lutar contra as opressões comuns ao sexo feminino, a lésbica não é mulher, uma vez que o tal conceito é construído em concordância aos desejos da classe masculina, que implica “obrigações pessoais e físicas e também econômicas (‘obrigação de residência’, trabalhos domésticos, deveres conjugais, produção ilimitada de filhos, etc.), uma relação da qual as lésbicas escapam quando rejeitam tornar-se ou seguir sendo heterossexuais” (tradução

minha<sup>4</sup>). Fugindo do que é imposto a ela desde seu nascimento, Estevão recusa a feminilidade – tanto estética quanto comportamental – enquanto dado natural. Devido ao seu conhecimento ser limitado ao discurso religioso e sexológico, ela se angustia por não compreender a possibilidade de ser uma mulher lésbica, na medida em que seus impulsos não correspondem aos padrões heterossexuais.

Devido à incompreensão e intolerância de Anna, ocorre a inevitável ruptura entre mãe e filha, com a expulsão de Estevão da propriedade. Antes de ir embora, a protagonista vai ao antigo escritório de seu pai para levar consigo alguns livros e encontra um de autoria do psicanalista alemão Richard von Krafft-Ebing (1840-1902), o qual estudou sexualidade humana e a já citada inversão sexual. Ela reconhece seu nome em notas nas páginas com a letra de Sir Philip, confirmando o entendimento do pai sobre a suposta condição da filha e invoca o nome de Deus: “Deus é cruel; ao nos criar Ele nos fez criaturas imperfeitas” (p. 251).

A partir dessa constatação, Estevão pode se libertar da culpa ao menos em relação ao pai, ainda que a culpa proveniente da fé cristã permaneça. A protagonista vai embora de Morton junto de sua antiga tutora e amiga Pudle, que a compreende por já ter sofrido o que ela sofreu e a incentiva a se tornar escritora “por amor e por causa de tantos outros que são como você, mas menos fortes e menos dotados talvez, tantos e tantos outros, lhe compete ter a coragem de fazer o Bem” (p. 252). As duas vão juntas para Londres, alugam uma casa e Estevão escreve e publica seu primeiro livro, *O Sulco*, que faz sucesso, mas ainda assim a protagonista se sente incompleta, isolada do resto do mundo. De fato, por mais que tenha “dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio” (WOOLF, 2014b, p. 12) para escrever ficção, ela não tem relações pessoais para além da tutora.

Ao publicar o segundo romance, um crítico literário descreve que lhe falta “agarrar a vida” (p. 265), e a autora sabe que pode escrever melhor. Em uma passagem rápida a Morton devido à morte de seu cavalo de infância, recebe a recomendação da mãe de encontrar-se com Jonathan Brockett, um escritor teatral que usa “roupas que eram um tanto ou quanto exageradas” (p. 274) e “suas mãos eram tão brancas e macias como as de uma mulher” (p. 275), além de ficar explícito que “o máximo que ele pediria sempre seria camaradagem,

---

<sup>4</sup> No original se lê: “obligaciones personales y físicas y también económicas (‘asignación de residencia’, trabajos domésticos, deberes conyugales, producción ilimitada de hijos, etc.), una relación de la cual las lesbianas escapan cuando rechazan volverse o seguir siendo heterossexuales.”

apenas” (p. 275); essas descrições constroem a noção de que ele é homossexual e, por meio dessa amizade e por indicação dele, Estevão encontrará outras mulheres lésbicas, uma vez que ele fala à protagonista que ela precisa “viver e conviver” (p. 281), pois isso iria alimentar suas narrativas. Em consequência dessas conversas, Estevão é incentivada a se mudar para Paris e escreve uma carta à Anna dando adeus e reclamando de sua intolerância, questionando quem era ela para negar seu direito de amar e enfim libertando-se do “cabresto doméstico” (p. 287).

Brockett leva Pudle e Estevão para conhecer Paris e questiona acerca da sexualidade da protagonista, se ela é capaz de se apaixonar (p. 290). Para estabelecer esse diálogo, conta uma história sobre a relação íntima de Madame de Lambelle e da Rainha Maria Antonieta (p. 291). Ao final, a leva para conhecer Valérie Seymour (p. 296), uma escritora rica que reúne pessoas em sua casa para conversar sobre arte e é sabidamente lésbica. Essa é a primeira possibilidade de amizade entre a protagonista e outra mulher, importante para a compreensão de si mesma, ainda que inicialmente Estevão se incomode com a ideia de a outra não lhe estar vendo como “um ser humano decente com vontade de trabalhar, com um cérebro eficiente, com algo que mais tarde viria a ser um ótimo talento, mas sim porque via ali na sua frente todos os estigmas exteriores da pessoa anormal” (p. 299). Em vez da protagonista pensar diferente de si, que é um ser humano talentoso, decente e também lésbica, não havendo oposições entre esses fatos, Estevão tem dificuldade em ser admirada sendo quem é, visto que não se aceita.

A existência lésbica é descrita por Adrienne Rich (2019, p. 65) enquanto a “presença histórica de lésbicas” e “nossa criação contínua do significado dessa existência”, ao passo que Estevão desconhece essa presença histórica, ela assimila o discurso patriarcal. É notório que a protagonista não percebe a existência lésbica enquanto realidade possível e fonte de conhecimento e poder para as mulheres. De modo semelhante, durante sua vida Estevão não constitui um “*continuum* lésbico” (RICH, 2019, p. 65), ou seja, experiências com mulheres em busca de compartilhar sua vida interior, unir-se contra a tirania masculina e dar e receber apoio, o que lhe causa isolamento, ódio a si mesma e crises.

Talvez motivada pela necessidade de aceitação, em 1914 a protagonista se alista na I Guerra Mundial para fazer parte de um grupo de mulheres que dirige ambulâncias e socorre feridos, sentindo necessidade de “fazer valer sua existência” (p. 327), acreditando que servir em uma guerra é motivo de orgulho. Nesse grupo de inglesas na França, Estevão pode ver

“fisionomias inconfundíveis – reconhecia-as à primeira vista – podendo separá-las instintivamente do meio da multidão” (p. 332). Percebe lésbicas como ela que foram aceitas nos postos de trabalho sem serem desdenhadas, pois, após a guerra, “nunca mais se submeteriam, tais mulheres, a ser enxotadas para seus buracos e recantos” (p. 333). Nesse cenário, Estevão conhece Maria Lleiwellyn, com quem passa praticamente todo o tempo de trabalho.

Ao se aproximarem, desenvolvem uma relação de cuidado e afeto, preocupando-se uma com a outra, dadas as circunstâncias do encontro, e consolavam-se mutuamente nos momentos difíceis. Ao final da guerra, Maria declara seu amor por Estevão: “– [...] Estive sempre à espera de você. [...] Deixe-me ficar com você... Não me mande embora. Quero ficar bem perto de você, sempre, Estevão.” (p. 358). Ao saírem do serviço militar, elas vão morar juntas na casa de Estevão em Paris, inicialmente mantendo distância física, embora a protagonista esteja junto a alguém como ela, com desejo de se relacionar amorosamente. Estevão percebe a possibilidade de viver com Maria e reconhece que existem muitas outras como elas, em Paris e em todas as cidades, que merecem uma existência plena. Mesmo que o mundo as condene, elas se rejubilam (p. 366) e aproveitam o amor sincero. As duas viajam, descobrindo a paixão lentamente, porque a protagonista ainda considera um erro se relacionar com uma mulher. Elas passam os dias juntas e as noites separadas, com receio de se entregar aos desejos do corpo, até que Maria se cansa e interpela a protagonista, avisando que vai embora porque se sente rejeitada. Estevão consegue responder que a ama e “puxando a rapariga para os seus braços começou a beijá-la nos olhos e na boca” (p. 382).

Após finalmente se beijarem, Estevão fala suas angústias, sobre serem anormais e pecadoras, ao que Maria demonstra não se importar com a opinião do mundo, pois “uma coisa única” (p. 382) a interessava e era Estevão. Enquanto amantes, compartilham juras de amor e tornam-se “corajosas, invencíveis, tenazes” (p. 387). Elas voltam para Paris e passam a ter uma vida conjunta, compartilham afazeres domésticos, levam uma vida ociosa e feliz (p. 394) e percebem casais de mulheres juntas em seus passeios pela cidade. A relação, contudo, não é feita apenas por bons momentos, pois, ao precisar ir a Morton, Estevão se depara com a intolerância da mãe e a necessidade de ir sozinha, inviabilizando levar sua companheira para apresentar à Anna. Esse acontecimento faz com que Maria perceba pela primeira vez que elas

são exiladas (p. 408) e passe a querer mais aceitabilidade de parentes e vizinhos, além de amizades com quem compartilhar o amor que sentem, o que passa a ser uma busca para ela.

Reforçando a perspectiva do romance de estabelecer a inversão sexual como explicação para Estevão, na volta da viagem, a protagonista permanece em conflito e retoma a escrita, sendo descrita na narrativa enquanto a “parte que exerce função masculina” (p. 411), enquanto Maria fica encarregada da rotina doméstica, o que deixa explícita a compreensão de Maria como a “mulher” da relação (p. 411). A dicotomia masculino/feminino no casal lésbico reforça a referência patriarcal, em que uma pessoa é ativa, poderosa (homem) e outra é passiva, submissa (mulher), isto é: “o relacionamento amoroso/sexual entre duas mulheres é chamado a se moldar segundo o padrão da parceria heterossexual” (PORTINARI, 1989, p. 53), uma vez que esse é o modelo aceito e compreendido. Contudo, impor esses padrões às lésbicas ignora a premissa da lesbianidade enquanto relacionamento entre humanas do sexo feminino em busca da fuga de limitações patriarcais. Conforme Beauvoir (2016, p. 165) declara: “definir a lésbica ‘viril’ pela sua vontade de ‘imitar o homem’ é voltá-la à inautenticidade”, visto que “cada vez que ela se conduz como ser humano, declara-se que ela se identifica com o macho”, uma vez que se considera a feminilidade parte da essência da mulher, e não a artificialidade que de fato é. Alheia às convenções, é possível que Estevão e Maria possam viver com mais sinceridade e igualdade, principalmente em contato com outras mulheres como elas.

Após Maria demonstrar seu desejo de conhecer novas pessoas, ambas vão a uma reunião de Valérie e fazem amizade com o casal Jamie e Barbara, Pat, Wanda e Jeanne, compondo aquilo que Rich (2019, p. 65) conceitua de *continuum* lésbico. Para as personagens, é importante voltar-se “para os de sua mesma classe” (p. 434) e serem bem recebidas em “amizades que não” as considerem “leprosas morais” (p. 458). Em oposição a isso, as relações estabelecidas com outras pessoas geram intolerância e desrespeito, diminuindo a confiança de Estevão, que se sente culpada e tem a percepção de que é impossível ter uma existência “completa e normal” (p. 462), ainda mais ao presenciar um casamento entre uma de suas funcionárias e um rapaz, confirmando que ela não pode realizar tal ritual que prova o cuidado e o compromisso firmado para sempre.

Infelizmente, a saúde mental das amigas Barbara e Jamie é tão fragilizada que, após a morte por enfermidade de uma, a outra se suicida em seguida, “pelo sofrimento mental e

espiritual que devera ter reforçado aquela decisão voluntária de aniquilamento” (p. 495). Essa ocasião reaproximou Estevão de sua amiga Valérie, com quem se encontra para “aliviar seu espírito cansado de tantos problemas concernentes à inversão” e “discutir esse intolerável estado”, construindo entre elas uma compreensão mútua. A protagonista, apegada à sua crença em Deus, questiona até quando Ele “se quedaria quieto e suportando esse insulto à Sua Criação” e o “ponto de vista absurdo de que a inversão não é uma parte da natureza” (p. 497), em vez de desconsiderar a perspectiva religiosa que a oprime e controla, sabendo que “a igreja lhes voltava as costas, pois suas bênçãos eram destinadas estritamente a pessoas normais” (p. 498).

#### 4 Final infeliz

Após esses acontecimentos, uma última reviravolta narrativa ocorre: Estevão recebe uma carta de seu antigo amigo Martin e resolve reencontrá-lo pela “necessidade duma camaradagem de homens” (p. 504), para a surpresa de Maria, que pensa que a companheira “não gostasse de homens” (p. 507). Porém, a carência de Estevão por aceitação a coloca nessa situação. Martin vive em Paris com sua tia Sarah, a qual, ao conhecer o casal, vê na protagonista “uma criatura assexuada, cheia de atitudes, cuja cabeça de cabelos cortados rente e cujas roupas demonstravam pura afetação”, jamais admitindo “a inversão como sendo um fato da natureza” (p. 510). Em oposição, acerca de Maria, pensa que “raparigas bonitas deviam achar maridos e construir seus lares” (p. 511). Essa concepção reforça o papel sexual das mulheres e a heterossexualidade compulsória.

As reuniões de Estevão, Maria e Martin ocorrem em restaurantes ou na casa do casal, onde Martin e Maria dançam juntos, gerando em Estevão “desconfiança duma possível traição à amizade” (p. 514), sendo que considera o homem “um ser mais perfeito, um companheiro muitíssimo mais adequado” (p. 515) para Maria. A perspectiva apegada à heterossexualidade compulsória e ao discurso médico da inversão sexual faz com que Estevão busque uma solução para o que não é um problema, reforçando a ideia de que Martin é apaixonado por Maria e que ela pode se apaixonar pelo homem. A protagonista e o amigo começam uma disputa pelo amor de Maria: ele suplica que ela deixe Maria livre; ela, contudo, permanece confiante de que um dia o mundo a aceitará como é. Fica combinado que Maria decidirá, sem saber, com qual

pessoa quer ficar. Durante o dia, Martin faz companhia à Maria e à noite Estevão e ela ficam juntas. Afinal, a protagonista paga “bastante caro [por] esse seu inerente respeito pelas coisas e pelas criaturas normais, que nada jamais conseguira destruir, nem mesmo os longos anos de perseguição” (p. 530).

Estevão passa a maltratar Maria, que sofre muito por amar sua companheira e, inclusive, nega se encontrar com Martin, tentando fazer a protagonista perceber o mal que está causando ao tentar aproximá-los. O homem está para desistir da disputa pelo amor de Maria, até que Estevão lhe pede para permanecer e forja uma traição com Valérie, que tenta alertar o perigo disso: “[...] Acho isso uma coisa alucada. Pelo amor de Deus conserve a moça e tirem ambas da vida toda a felicidade que venha ser possível” (p. 535), sendo perceptível uma visão menos médico-religiosa de intolerância e uma tentativa de adequação à heterossexualidade. A protagonista passa duas noites fora de casa e, ao retornar, cria a situação de rompimento com sua amada, mentindo sobre a relação com a amiga Valérie, o que entristece Maria e a motiva a sair de casa e a encontrar Martin, que esperava o desfecho. O final infeliz de Estevão é a solidão, enquanto suplica a Deus por clemência: “– Deus, nós acreditamos. Nunca deixamos de dizer-te que acreditamos... Jamais Te negamos. Ergue-Te, pois, e defende-nos. Reconhece-nos, ó Senhor, diante do mundo inteiro! Dá-nos também o direito à nossa existência!” (p. 540).

A obra de Radclyffe Hall é mais uma entre as muitas que terminam com lésbicas infelizes, sem a possibilidade de redenção, porém um dos primeiros a demonstrar uma personagem de bom caráter. Um final feliz para lésbicas passa a aparecer somente na obra *The Price of Salt* (original em inglês de 1952; *Carol* na edição brasileira de 2006), da estadunidense Patricia Highsmith (1921-1995). A adoção da teoria médica para tentar justificar a sexualidade lésbica acaba por despojá-la de seu potencial político revolucionário de rompimento com a heterossexualidade compulsória pautada por Adrienne Rich (2019). Faltam para Estevão referências lésbicas como a da britânica Anne Lister (1791-1840), uma proprietária de terras e viajante que, conforme reportagem de Rebecca Wood (2019), escreveu diversos diários relatando seu amor por mulheres sem demonstrar sentimento de culpa ou inferioridade.

No Brasil, *O poço da solidão* é pano de fundo para a peça de teatro *As sereias da Rive Gauche* (2002), da paulistana Vange Leonel (1963-2014), na qual retrata a história de sete

lésbicas artistas vivendo em Paris de 1928, incluindo Radclyffe Hall, Djuna Barnes e Natalie Barney, que inspira a personagem Valérie Seymour. Diferente da britânica, a brasileira também procura mostrar a vida amorosa e artística das lésbicas sem o peso da condenação médica e religiosa. A retomada da obra de Radclyffe Hall causa reflexão acerca da condição de marginalidade na qual as lésbicas são colocadas, com vistas a mudar essa visão e acenar a possibilidade de valorização da existência lésbica.

## Referências

BARNES, Djuna. **El almanaque de las mujeres**. Tradução de Rocío de la Maya e Anna Sánchez Rué. Barcelona: Eagles, 2012.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução: Sérgio Millet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

HALL, Radclyffe. **O poço da solidão**. Tradução de José Geraldo Vieira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950. (Coleção Fogos Cruzados, n. 99)

HIGHSMITH, Patricia. **Carol**. Tradução de Roberto Grey. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2006.

JEFFREYS, Sheila. **La herejía lesbiana**: una perspectiva feminista de la revolución sexual lesbiana. Tradução: Heide Braun. Madri: Cátedra, 1996.

KRAINITZKI, Eva. **'There are so many of us'**: a diversidade na representação da identidade lésbica em *The Well of Loneliness* de Radclyffe Hall. 2007. 149 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Anglísticos) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/7929>. Acesso em: 28 mar. 2021.

LAGO, Maria; PARAMELLE, France. **A mulher homossexual**: ensaio sobre a homossexualidade feminina. Sintra: Publicações Europa-América, 1978.

LEONEL, Vange. **As sereias da Rive Gauche**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

MACHLIN, Sherri. Banned Books Week: *The Well of Loneliness* by Radclyffe Hall. **New York Public Library**, Nova Iorque, 26 set. 2013. Disponível em: <https://www.nypl.org/blog/2013/09/26/banned-books-week-well-loneliness#:~:text=Radclyffe%20Hall's%20The%20Well%20of,grounds%20for%20charges%20of%20obscurity>. Acesso em: 12 abr. 2021.

PISANO, Margarita. **O triunfo da masculinidade**. Tradução coletiva: Estudos no Brejo. São Paulo: [s.n], 2017.

PORTINARI, Denise. **O discurso da homossexualidade feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios**. Tradução: Angélica Freitas e Daniel Lühmann. Rio de Janeiro: A Bolha, 2019.

SOUHAMI, Diana. **The Trials of Radclyffe Hall**. Londres: Quercus, 1998.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Tradução de Javier Sáez e Paco Vidarte. Madri: Egales, 2006.

WOLFF, Charlotte. **Amor entre mulheres**. Tradução de Milton Persson. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.

WOODS, Rebecca. A fascinante vida de Anne Lister, a 'primeira lésbica moderna'. **BBC News**, 19 maio 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48260917>. Acesso em: 13 maio 2021.

WOOLF, Virginia. **Orlando: uma biografia**. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2014a.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014b.

Recebido em: 05.07.2021

Aprovado em: 21.07.2021